

LITERATURA ERUDITA E LITERATURA POPULAR: IDEALIZAÇÃO E DOMINAÇÃO

SANDRA MARIA COSTA

Profa. Do DHG (Departamento de História e Geografia da UFCG)

Um dos limites evidenciados ao nível de análise e da interpretação da literatura popular, diz respeito ao fato dos cientistas sociais, tentarem dar a esta literatura, uma unidade artificial, uma homogeneidade aparente que se contrapõe ao conteúdo extremamente rico e diversificado destes textos. Uma característica marcante do saber é dar uma unidade ao seu objeto de análise, quando isto não é possível, há uma tendência a desqualificá-lo, tal fato justifica a classificação entre a literatura erudita e a popular acima esboçada.

A tradição científica que separa a chamada literatura erudita da popular, tem origem no século XIX, quando o progresso técnico-científico, separa a literatura popular e artesanal que circulava livremente no seio da sociedade, por uma outra nacionalista, industrializada, que tende a se apropriar desta literatura popular, com o pretexto de reencontrá-la e preservá-la, considerando-a enquanto parte de um passado idílico, de um tempo passado, como se ela não continuasse viva em atuante no seio da sociedade.

Michel de Certeau¹ nos chama a atenção para o fato de que o nascimento dos estudos consagrados à **Literatura de Colportage**² está, de fato ligado à censura social do seu objeto, ou seja, foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada. Uma repressão política está na origem da curiosidade científica que aí se estabelece: a eliminação dos livros julgados “ subversivos’ e “imorais”³. Um grande número de trabalhos recentes revela-nos detalhes acerca desta questão, o próprio Nisard nos fala sobre os efeitos nefastos que se exercera sobre todos os espíritos essa quantidade de maus livros que a Colportage espalhava praticamente sem qualquer dificuldade pela França inteira advindo daí a necessidade de “tanto reunir esses livrinhos quanto estuda-los com o mais rigoroso zelo”⁴ A linguagem do “povo” minuciosamente apresentada nestes poemas burlescos, por um lado, ridicularizava os “clássicos”, o saber científico dos letrados, por outro, torna-se temível na França, particularmente à época da Fronda, em 1647-1659, colocando em risco a ordem burguesa triunfante.

Desde então, os estudos consagrados à Literatura Popular, tornaram-se possíveis pelo gesto que a retira do povo e a reserva aos letrados. Desse modo, não nos surpreendem que a julguem “em via de extensão”, que se dediquem a preservar as suas ruínas ou que a vejam como resquícios de um paraíso perdido, pela idealização do popular, através da louvação bucólica do povo.

A idealização do popular, apresenta dois momentos que são reveladores dessa ótica: O fim do século XVIII, de um lado e os anos de 1850-1890, de outro. No final do século XVIII, uma espécie de entusiasmo pelo popular toma conta da aristocracia liberal e esclarecida. Esta fato caracteriza-se por um retorno ao campo, que representa também uma aversão e um temor a cidade perigosa e corruptora, onde as hierarquias tradicionais se dissolvem. Daí esse retorno a uma pureza original dos campos, símbolo das virtudes preservadas desde os tempos mais antigos. O camponês francês apresentava ainda a vantagem de ser ao mesmo tempo civilizado pelos costumes cristãos, o os torna “sujeitos fies, dóceis e laboriosos”

Esse retorno, entretanto, é marcado pelo silêncio do povo, cuja palavra foi cortada para ser melhor domesticada. Este fato pode ser evidenciado em dois aspectos: A interpretação elitista dada as canções populares, outro indício desse confisco de um tesouro perdido, onde o prazer sentido no halo “popular” que envolve essas melodias “ingênuas” (a emoção nasce da própria distância que separa o ouvinte dos suposto compositor) funda uma concepção elitista da cultura, outro aspecto concernente a esta questão, diz respeito ao fato da burguesia francesa, representada em grande parte por magistrados ou curas, se pronunciar a favor da universalização da língua francesa, através da destruição dos vestígios feudais, mantidos à revelia, pela sobrevivência dos particularismos dos dialetos populares. A

instrução, assume assim, uma importância fundamental na edificação da unidade nacional francesa, pela eliminação de uma “resistência devido à ignorância”

O período de 1850 a 1890 definiu uma segunda etapa desse culto castrador voltado para um povo que se constitui a partir de então, como objeto de “ciência”. É neste momento em que a Colportage é perseguida energicamente, que as pessoas cultas se debruçam deleitosamente sobre os livros populares. Em uma circular de aplicação da lei de 27 de julho de 1849 sobre a imprensa, o Ministro do Interior escrevia aos prefeitos “a característica mais comum dos escritos que tentam se espalhar no momento e os quais se na forma mais popular é dividir a sociedade em duas classes, os ricos e os pobres, representando os primeiros como **tiranos**, os segundos como **vítimas**, incitar à inveja e ao ódio uns contra os outros e preparar, desse modo, na nossa sociedade, que tanto se preocupa com a união e a fraternidade, todos os elencos de uma guerra civil.”⁵

Em 30.11.1853 tem-se a criação “de uma comissão para exame dos livros de Colportage, que tinha como propósito controlar o conteúdo das obras difundidas, verificando se ele não era contrário à ordem, à moral e à religião”, bem como, salvaguardar, “os operários e os habitantes dos campos”, facilmente “influenciáveis”, das leituras perniciosas.

A partir de 1877 (início da III República), instaura-se uma onda folclorista que deseja localizar, prender, proteger, os resquícios de uma cultura original, primitiva, em nome de uma integração racionalizada. A cultura popular define-se como um patrimônio reforça-se a existência de uma unidade cultural, na qual uma mentalidade francesa se exprime. Assim, arrumado, o domínio popular não representaria mais uma ameaça, pois à medida que é caracterizado como folclore, assume a tranqüilidade de um museu, de um passado distante, cuja dimensão ameaçadora foi eliminada.

Nas revistas folcloristas da época, o termo popular está associado ao natural, ao verdadeiro, ao ingênuo, ao espontâneo, à infância. O zelo folclorista, muitas vezes reflete um sentido político evidente. O popular é sempre identificado com o camponês e as elites são ameaçadas por uma outra fonte! As perigosas classes trabalhadoras das cidades. Assim, a arte popular passa a ser identificada da seguinte maneira “tudo aquilo que se produz ou se conserva do povo, longe da influência do centros urbanos.”⁶, necessidade de restauração da vida provinciana e de uma renovação social que deverá reencontrar o camponês no operário e conhecer as virtudes primitivas da terra.⁷

Mas como adentrar na alma tão obscura, tão difícil de penetrar do camponês? Reavivando suas tradições, buscando o seu espontaneísmo, a **inconsciência** de sua arte, com o intuito de dar a esta última uma organização racional, um conteúdo consciente, característico do progresso social. Neste sentido, a chamada cultura erudita se colocaria em um patamar superior em relação à cultura popular. Tal percepção, nega inclusive que as manifestações da cultura popular, possam ser de fato consideradas arte, elas só seriam assim consideradas, a medida que fossem apreendidas e reelaboradas pelo discurso científico que lhes dá um conteúdo e uma organização racional.

Porém, a caracterização do que seja literatura popular a partir da tradição de análise que marca o final do século XVIII e meados do século XIX apresenta-se de forma ambígua e imprecisa. Robert Mandrou, Geneviève Bolléme, Marx Soriano,⁸ vão tentar definir a literatura popular buscando sua origem histórica no antigo regime. M. Soriano por sua vez, distingue na literatura popular, “os escritos para o uso do povo e as obras autenticamente populares”⁹. Mas, se definir a literatura popular, revela-se uma tarefa quase impossível, onde colocar pois “o autenticamente popular”? O popular deveria se buscado no público leitor ou naqueles que produzem este tipo de literatura?

Chartier¹⁰ observou e muitos arquivos da época confirmam: Esses livrinhos do século XVIII parecem ocupar a mesma posição que a atual literatura de cordel, ou seja, atenderiam a um número maior de pessoas de origem rural, embora em alguns momentos ultrapassem a fronteira das classes menos favorecidas, chegando até classes

hierarquicamente superiores. Por outro lado, os próprios textos populares teriam profissionais letrados, intelectuais como autores. Assim sendo, como resolver este impasse? As idéias destes intelectuais se expressariam nas obras populares, mas seriam adaptadas ao "gosto" do público?

No nosso trabalho nos deparamos com uma tendência (tanto por parte da literatura consultada, como em algumas entrevistas que realizamos) em buscar caracterizar a "autêntica" literatura de cordel,¹¹ ou seja, aquela que além de observar características básicas como estruturação de versos, rima, temas comuns aos cordéis, também atende a um público determinado e deve ser escrita por poetas "autenticamente" populares. Este poeta deveria ter suas origens e interesses no campo, o que justificava inclusive a sua identificação com o seu público. Tal fato, excluiria da categoria de poetas de cordel, outros profissionais com formação "bacharelesca", que empenhariam, sem sucesso, em imitar a formação discursiva dos Cordéis.

Nossa crítica neste estudo se efetiva em relação a esta classificação extremamente rígida do cordel e dos poetas populares. Embora não possamos negar as especificidades das várias literaturas que circulam no tecido social, não se deve pensar o "erudito" e o "popular" como dois polos estanques no interior da sociedade, mas como um intercruzamento constante de enunciados, que são aprovados ora por um grupo, ora por outro, que os recriam, os reelaboram, reinventando conteúdos.

A literatura produzida por um determinado grupo social, deve ser analisada a partir de uma heterogeneidade de elementos e não buscando uma unidade absoluta na qual aquilo que escapa a uma classificação pré-determinada seria desqualificado. Da classificação ou conceituação de literatura popular ou erudita, advém um limite que comumente é esquecido pelos estudiosos: aquele que escreve expressa as idéias ou pontos de vista que lhe são "próprios" ou "pessoais" resultam de um feixe de enunciados sociais que são aprendidos e reelaborados pelos indivíduos. Por outro lado, o "gosto" do público, é formado, é construído através de um processo de múltiplas escolhas, onde determinadas coisas são negadas e outras são reafirmadas, dentro do contexto específico em que o indivíduo vive e se relaciona.

Um outro limite observado na caracterização da literatura popular, diz respeito ao fato de que boa parte dos estudos científicos que se dedicam a este tipo de literatura, pressupõe que esta seja a "infância" ou o começo da literatura erudita.¹² O que em outras palavras significa que o popular representa o primitivo, o autêntico, o original, as tradições culturais, das quais a literatura erudita emerge, apresentando-se como uma forma evoluída, à medida que assume a qualificação de um saber científico. Daí a preocupação fundamental em buscar a "origem" da literatura popular, a expressão autêntica dessa arte, como forma de salvaguardar uma genialidade primitiva que deve ser incessantemente preservada e reencotrada.

Ao se voltar para a França do final do século XVIII, M. Soriano¹³ afirma que a literatura popular "muito antiga" estaria enraizada nas origens históricas do povo francês e teria sido transmitida por uma tradição oral, que emerge na literatura clássica. Ela transparece pouco a pouco na obra dos letrados, quando estes se sentem ameaçados pelas massas trabalhadoras e pensam em poder captá-las.

Contrariando esta hipótese, para Bolleme,¹⁴ a literatura da elite do Antigo Regime degradou-se em uma literatura "popular" elaborada por letrados, especializados, possuindo a função transitória de "despertar" no povo uma necessidade de saber e de felicidade. Uma vez cumprido este papel, em fins do século XVIII, este tipo de literatura torna-se "antiquada" "absoleta" à medida que o povo se põe a falar uma linguagem única, expressando o gosto pela verdade, pela ciência, desenvolvendo um esforço em direção à virtude. Isso porque, segundo o autor, existiria no povo, um "gosto" o do saber, ou o de ser "instruído",¹⁵ de cuja sonolência esta literatura "popular" o despertou.

Do confronto entre estas duas perspectivas de análise, parece ter prevalecido nos estudos que se dedicam à classificação da literatura popular e não o contrário, ou seja, a literatura popular teria surgido da vulgarização de uma

literatura de elite. Este fato se expressaria no método que busca através da hierarquização das diversas versões de um mesmo conto, recuperar traços "autenticamente" populares na literatura erudita.¹⁶

Não pretendemos aqui negar a importância dos estudos que tratam sobre as origens da literatura popular, mas criticar o fato de este resgate apresentar como pressuposto básico, a idéia de que esta literatura está morta, ou em vias de extinção, daí a necessidade de buscar resgatá-la, preservá-la. Este fato por sua vez, relaciona-se com um outro: À medida que a "literatura erudita" ou científica "descobre" o que ela denomina de "popular", tende a ajustar esta literatura popular a um modelo de civilização, ao signo das virtudes, reforçando as qualidades primitivas do homem simples, rude, não contaminado pelas excrescências urbanas. Por conseguinte, esta literatura erudita retira da popular aspectos incômodos e ameaçadores como o sexo e a violência.

Um jornal francês de 1869, nega a sexualidade pecaminosa do homem do campo, criticando veementemente "aquele que turva a limpidez dessas águas", (refere-se a um folheto em particular).¹⁷ A comissão de censura, neste período, coloca-se na posição de "anjo da guarda" protetor da inocência do povo contra "as fotografias impuras".¹⁸

Em estudos como os de Nisard¹⁹ e M. Soriano,²⁰ o silêncio que recobre a sexualidade na literatura popular é implausível. Em vias de regra, os conhecimentos ou as relações amorosas nas leituras eruditas de temas populares deságuam em um "sono mágico", como revela Soriano, através do conto *La belle ou bois dormant*, onde o homem casado que era amante da bela (na versão original) é substituído pela figura de um príncipe adolescente, e é inconsciente, num sono mágico, que ela faz amor com ele e dá a luz.

A violência, é um outro aspecto silenciado, pela literatura científica, ao se apropriar de textos populares. As reivindicações ameaçadoras das "classes perigosas" são sabiamente expurgadas das análises destes textos. Para que as camadas populares intervenham ou tenham uma certa importância "política" é preciso, por exemplo, que M. Soriano deixe o terreno literário e passe à história para analisar a função e o lugar social dessa literatura.²¹ O mesmo "esquecimento" ocorre no que concerne às revoltas camponesas, às reivindicações regionais, aos conflitos autonomistas, em suma, a violência do povo. Na qualidade, as sublevações populares, emergem nas pesquisas eruditas, apenas sob a forma de um objeto lastimável, donde se conclui que somente devem ser "preservadas as tradições francesas abolidas ou desfiguradas".²²

Segundo Michel de Certeau, uma violência política explica a eliminação da violência nos estudos acerca da literatura popular. Por conseguinte, ao cultuarem imagens idílicas do passado, os letrados, reafirmam uma vitória do poder, do saber científico, sobre a caótica e fragmentada literatura popular, passando a dotá-la de um discurso formalizado, ao mesmo tempo em que domesticam o seu potencial de revolta.

Um outro aspecto relacionado a esta questão, diz respeito ao fato de que a oralidade faz parte da literatura popular e a literatura erudita ao se apropriar desta tradição oral (esboçada nos contos, poemas, canções, etc), altera a estrutura básica dos discursos presentes nesta tradição. O saber científico ao transformar a tradição oral popular em um discurso formalizado, expresso através da escrita, dotou a "literatura popular" de conteúdos e significados novos, que retiram dela seus aspectos incômodos ou ameaçadores.

A partir, principalmente, do século XIX, há uma domesticação da cultura popular, que passa a ocupar um espaço específico dentro da sociedade: **o espaço do morto**. O saber científico, ao voltar-se preocupadamente para as tradições populares, o faz antevendo a morte próxima ou fim eminente dessas tradições. A luta dos folcloristas se pauta portanto, no sentido da preservação, da manutenção de valores esquecidos ou ameaçados de extinção. Este resgate, todavia, apresenta uma característica peculiar: Traduz uma imagem idílica do povo, que é comparado a uma criança. Ou seja, estes estudos têm como prática comum a associação "criança e povo", onde tudo aquilo que é dito da criança, serve na realidade, de alegoria para aquilo que se pensa do povo.

É interessante ressaltar, que na literatura, neste período, não existia uma distinção fundamental entre os adultos e as crianças, não havia duas sabedorias, nem duas morais. A criança é o adulto que ainda não desenvolveu totalmente as suas potencialidades, mas os valores dos pais permanecerão sendo os mesmos das crianças no futuro. É "natural" portanto, reencontrar na criança a sabedoria dos pais, da qual esta criança viria a ser a confirmação futura.

Como a criança quase não aparece nestes textos, geralmente os adultos reproduzem nos textos destinados as crianças, a imagem de si mesmos tal como a imaginam. Eles oferecem sua própria lenda, por intermédio dos adultos que são apresentados nas histórias às crianças. Da mesma forma, os nobres e burgueses, reproduzem através dessa literatura, resgatada,²³ a imagem que pretendem oferecer de si próprios ao "bom povo".

Associando o que foi exposto acima ao fato da literatura popular ser considerada a infância da literatura erudita, observamos que este tipo de percepção procura, na verdade, confirmar através dos textos populares, as concepções e as aspirações daqueles que buscam ajustar esta literatura "infantil" (popular) ao sonho do "adulto" (literatura erudita) e colocá-la sob o signo dos "civilizados", ou seja, adestrá-la, domesticá-la, retirando dela aspectos incômodos, inconvenientes (característicos da espontaneidade infantil), em nome do saber científico. Assim, sob o pretexto de reencontrar a "criança" (literatura popular) no "adulto" (literatura erudita ou científica) cria-se, institucionaliza-se no discurso científico um novo lugar para os textos populares: o lugar do morto.

Por conseguinte, um poder exprime-se neste tipo de análise: aquele que se manifesta através de um saber científico ou especializado, que apreende a literatura popular mediante à constatação do desaparecimento desta.

Outro limite observado na leitura erudita de textos populares (notadamente da literatura de Cordel), diz respeito ao fato de se considerar estes textos como "apolíticos" ou "a-históricos" (os folhetos não estariam ligados a um contexto histórico específico),²⁴ ou ainda, ao contrário destas duas posturas, costuma-se interpretar estes textos a partir da análise dos fenômenos sociais, como se esta literatura não apresentasse um conteúdo específico, nem sempre coincidente com o contexto social.

Analisando a incidência na literatura popular de aspectos da vida camponesa, na França do século XVIII, Soriano²⁵ procura estabelecer uma correlação entre a literatura popular e o contexto social em que ela se insere, onde algumas generalidades acerca das tensões sociais (as revoltas) no campesinato francês e sua derivação ideológica (a feitiçaria), alusões ao mundo da crença e da superstição, acabam de servir de base histórica à investigação que este autor desenvolve. Esta questões, segundo ele, teriam influenciado o conjunto das manifestações artísticas desse campesinato: danças, cerimônias, canções e, naturalmente, contos. Quando não é possível estabelecer esta correlação entre a literatura popular e o contexto social em que ela se encontra presente, Soriano, desvia-se da discussão, reafirmando, o problema da incorrência desta literatura e voltando-se em direção à pesquisa da origem dos textos populares.

Definir a literatura de cordel como "apolítica" ou "a-histórica" é inexequível, mas requerer vê-la como um simples epifenômeno social é igualmente impraticável. É certo que os cordéis reproduzem enunciados presentes no contexto social, mas a análise dos discursos nesta literatura não deve estar subordinada aos fenômenos sociais, que se manifestam no contexto em que ela encontra-se inserida, servindo assim, apenas para justificar uma teoria previamente determinada, que busca estabelecer uma correlação entre a literatura de cordel e o contexto social.

A Literatura de Cordel tem suscitado ainda outros tipos de interpelações que ora consideram "conservadora" e "alienada" ora a definem como "uma arte de resistência". Como representante deste primeiro tipo de interpretação destacamos Robert Madrou, que ao final de sua pesquisa sobre a *Bibliothèque bleue de Troyes*, conclui que os livretos, almanaques, contos, cantos e narrativas míticas "constituíram na realidade um freio, um obstáculo à tomada de consciência da condições sociais e políticas a que estavam submetidos esses meio populares".²⁶ O que em outros termos significa que esta literatura veicula uma forma de alienação, nos moldes marxistas do termo, ou seja, como inversão do real.

A Segunda posição a qual nos referimos: a de que a Literatura de Cordel é um modelo de arte de resistência popular, se apoia no pressuposto de que toda criação que provém do povo tem necessariamente um sentido revolucionário ou transformador. Esta posição, embora nem sempre seja claramente explicitada na literatura especializada em córdeis, pode ser apreendida nas entrelinhas dos discursos que criticam àqueles que caracterizam a literatura de cordel como "conservadora" e "alienada".²⁷ Esta postura de inspiração marxista, esboça a utopia de uma "nova" relação política entre a literatura de cordel e o poder dominante na sociedade. Diferentemente da interpretação anterior que considera esta literatura como um veículo de alienação popular, para esta postura, os folhetos de cordel deixariam de ser assistemáticos, fragmentários e politicamente desorganizados, para se tornarem "verdadeiramente" "veículos de ação política" ou "manuais" nesta transformação social. Procedimento que retira do cordel a multiplicidade e a riqueza de seus conteúdos, para submetê-lo a unidimensionalidade de uma teoria já previamente determinada.

Sem querer ampliar ainda mais a discussão acerca das limitações das análises que se dedicam à classificação ou caracterização da literatura de cordel, gostaríamos de enfatizar que o caráter das afirmações apresentadas aqui deriva das inclinações teóricas-metodológicas dos autores destas análises, que expressam idéias ou pontos de vista que lhes são "próprios" ou do grupo a que pertencem e ainda, que confirmam suas concepções e aspirações através do seu objeto de estudo.

Este fato não pode ser negado, mesmo quando o cientista social se propõe a dar voz aos "oprimidos", "aos silenciados", ele o faz a partir de uma visão "pessoal", de sua formação acadêmica ou de escolhas políticas.

Os procedimentos científicos não são inocentes: o saber está ligado a um poder que o autoriza. O saber científico ao procurar dar uma unidade lógica (herança de nossa tradição de pensamento lógico formal) ao seu objeto de análise, se apropria, estiliza, domestica este objeto. Portanto, não tenhamos ilusões, ao conceituar ou classificar um dado objeto, estamos na realidade nos apropriando dele, nós os estamos negando, uma vez que, este não se trata mais do mesmo objeto (que por sua vez, também não é homogêneo), mas de uma reelaboração, de uma criação.

Assim considerando, fica claro que não devemos tratar os discursos no Cordel como uma unidade absoluta nem como total dispersão, mas como um conjunto de enunciados que conduzem estes discursos a uma realidade relativa e circunstancial, que não deve ser absolutizada.

A origem ou a forma como esta Literatura se estrutura, não deve por si só, ser a unidade explicativa dos discursos que nela se apresentam. Por outro lado, os chamados discursos científicos ou eruditos não devem tampouco servir como modelos comparativos para os discursos na Literatura de Cordel, mesmo porque, tanto uns como outros são construídos e desconstruídos a partir do embate de idéias presente no tecido social, não existindo portanto, um discurso totalmente original, próprio de um determinado grupo, mas reelaborações, criações. É certo que o Cordel apresenta um código de linguagem particular, uma formação discursiva específica, mas os discursos nele expressos, são diversamente influenciados, combinando enunciados diferentes e dando conotações distintas dos discursos dominantes na sociedade, pois mesmo havendo a apropriação de enunciados destes discursos dominantes, os discursos resultantes desse processo, se apresentam de forma diferente, mediante um processo de reelaboração destes enunciados.

Por outro lado, a idealização da literatura popular (que é vista como a "infância" da literatura erudita) faz com que os poetas populares se apropriem e reelaborem enunciados deste discurso, expressando nos folhetos, uma linguagem idealizada do povo, onde características como uma inocência primitiva associada a uma sabedoria inata (não advinda de uma educação formal) e uma moral subjacente, expressam na verdade, os anseios e as aspirações, daquele que escreve estes folhetos.

¹ CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*, Campinas, SP. Papirus, 1995. Coleção Travessia do Século

² O livro iniciador foi o de NISARD, Charles, *Histoire des livres Populaires*. 1964, p. 1, 2^a. ed.

³ O termo de Colporter significa transportar consigo mercadoria à venda e designa a literatura veiculada por meio dos livreiros ambulantes (colpoteurs), principalmente nos séculos XVII e XVIII.

⁴ NISARD, Charles. Op. Cit, nota 2

⁵ CERTEAU, Michel de Op. Cit, nota 1

⁶ PARIS, G. Discurso de 24 de março de 1895, in *La tradition em Poitou et charente*. Paris, 1896. P. 6

⁷ No período nazista na França, tem-se a persistência destes temas, que marcaram uma outra “idade do ouro” da tradição e do folclorismo, onde o populismo dos poderosos, se manifesta, em busca de novas alianças.

⁸ MANDROU, Robert. *De la culture populaire em France aux XVIIe et XVIIIe siècles le bibliothéque bleue de troyes*. Stock, 1964, BOLLEME. Geneviève “Litterature populaire et lieterature de colportage au XVIIIes siècle” em livre et société dans France du XVIII e siecle. Mouton, 1965 Pp.61-92, BOLLEME, G. *Les almanachs populaires au XVIIe et XVIIIe siècles*. Essai d'histoire sociale. Mouton, 1969, SORIANO, Marc, *Les contes de Perrault . Culture savante et tradicions populares*, Gallimard, 1968

⁹ CERTEAU, Michel de Op. Cit, nota 1

¹⁰ CHARTIER, R. *Revue Historique*, 495 (1970), Pp. 193-197

¹¹ Esta interpretação tradicional das Literatura de Cordel pode ser observada nos autores citados na introdução deste trabalho como Luis da Câmara Cascudo (1930, 1953, 1962). Diegues Júnior (1973) e Origenes Lessa (1955). Entretanto, mesmo nos trabalhos mais recentes como o de Candace Stater (1994) é possível apreender características definidoras do Cordel e dos poetas populares que se aproximam da tendência interpretativa acima esboçada.

¹² Esta crítica foi apreendida em CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Op. Cit, nota 1

¹³ SORIANO, Marc. *Les contes de Perrault*. p. 489

¹⁴ BOLLEME, G. *Les Almanachs populaires*. Pp. 123-124

¹⁵ BOLLEME, G. *Em livre et société*, pp. 75 e 89

¹⁶ A sobriedade, versão curta, o vigor dos versos, seriam os traços deste primitivismo

¹⁷ CERTEAU, M. Op. Cit, nota 1

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ NISARD, M. op. Cit., Nota 2., P 204.

²⁰ SORIANO, M. Op. Cit., nota 15., pp. 125-130

²¹ SORIANO, M. "Table ronde sur les contes de Perrault", em *Annalles ESC*, maio-junho de 1965, desenvolve, originalmente uma abordagem fundamental das relações históricas, entre uma cultura erudita e as tradições populares. A este respeito ver também *annalles ESC*, 1969, pp. 949-975

²² MANDROU, Robert. Op. Cit., nota 8 P. 163

²³ Refiro-me à apropriação que a literatura erudita realiza da literatura popular.

²⁴ A caracterização dos folhetos de Cordel como apolíticos e ou, a -históricos foi apreendida em grande parte das entrevistas realizadas neste trabalho, entre as quais podemos destacar: Entrevista com o poeta e especialista em cordéis José Alves Sobrinho (C. Grande, 4.12.92); entrevista com o professor Alzir de Oliveria (C. Grande, 3.12.92); entrevista com o folclorista Liedo Maranhão (Olinda -PE, 29.11.92). A repetição destes enunciados nos discursos dos entrevistados, bem como na literatura que se ocupa com classificação dos cordéis (como Diegues Júnior (1983), Origenes Lessa (1955), Liêdo M. de Souza (1976), entre outros nos levou a considerar estes enunciados relevantes nos discursos científicos ou especializados sobre a Literatura de Cordel.

²⁵ SORIANO, M. Op., Cit., nota 13. Pp. 88-89

²⁶ MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra. *Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel*. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. VIII n^o 1 e 2. Depto. De Ciências Sociais e Filosofia do Centro de Humanidades. UFC, Fortaleza - CE, 1977., pp. 18-19

²⁷ Como exemplo de autores que criticam a caracterização da literatura de cordel como "conservadora" e "alienada", podemos citar MENEZES, Eduardo Diatay B. de . *Estrutura Agrária: Protesto e Alternativas na Poesia Popular do Nordeste*. *Revista de Ciências Sociais e Filosofia*, vol. XI, n^{os} 1 e 2. Depto. de Ciências Sociais e Filosofia, CH, UFC, Fortaleza - CE, 1980, pp. 29-61; NETO, Antonio Augusto Arantes, *Cultura Popular Conservadora? Revista de Ciências Sociais e Filosofia*, vol VIII, Fortaleza, CE, 1977, pp. 163-169; NETO, Antônio Fausto. *O Discurso Punido (Uma leitura em torno da Literatura de Cordel)*. *Rev. C. Sociais e Filosofia*, vol. VIII n^{os} 1 e 2, Depto. de Ciências Sociais e Filosofia, CH, UFC, Fortaleza - CE, 1977, pp. 143-182. Nestes textos é possível apreender imagens que se aproximam da definição dos cordéis como "arte de resistência popular", através da repetição de enunciados que apontam para um sentido "revolucionário" ou transformador nos folhetos.